

AGATHA
CHRISTIE

O ASSASSINATO

DE

UM CASO DE
HERCULE POIROT

ROGER ACKROYD

Em uma noite de setembro, o milionário Roger Ackroyd é encontrado morto, esfaqueado com uma adaga tunisiana – objeto raro de sua coleção particular – no quarto da mansão Fernly Park na pacata vila de King's Abbott. A morte do fidalgo industrial é a terceira de uma misteriosa sequência de crimes, iniciada com a de Ashley Ferrars, que pode ter sido causada ou por uma ingestão acidental de soníferos ou envenenamento articulado por sua esposa – esta, aliás, completa a sequência de mortes, num provável suicídio.

Os três crimes em série chamam a atenção da velha Caroline Sheppard, irmã do dr. Sheppard, médico da cidade e narrador da história. Suspeitando de que haja uma relação entre as mortes, dada a proximidade de miss Ferrars com o também viúvo Roger Ackroyd, Caroline pede a ajuda do então aposentado detetive belga Hercule Poirot, que passava suas merecidas férias na vila.

Ameaças, chantagens, vícios, heranças, obsessões amorosas e uma carta reveladora deixada por miss Ferrars compõem o cenário desta surpreendente trama, cujo transcorrer elenca novos suspeitos a todo instante, exigindo a habitual perspicácia do detetive Poirot em seu retorno ao mundo das investigações.

dr. sheppard à mesa do café da manhã

mrs. ferrars morrera na noite de 16 para 17 de setembro, uma quinta-feira. Mandaram me buscar às 8 horas da manhã da sexta-feira, 17. Não havia nada mais a ser feito. Ela estava morta fazia algumas horas.

Pouco depois das 9 horas eu já estava em casa novamente. Abri a porta da frente com a chave que sempre tinha comigo e parei intencionalmente, alguns instantes, no corredor de entrada enquanto pendurava o chapéu e o leve sobretudo que eu havia levado, sábia precaução contra a friagem do início de uma manhã outonal. Para ser sincero, estava bastante perturbado e preocupado. Não vou dizer que naquele momento eu previa os eventos das próximas semanas. Eu certamente não previ. Porém meu instinto avisava que momentos agitados estavam por vir.

Da sala de jantar à minha esquerda vieram o ruído das xícaras de chá e a tosse curta e seca de minha irmã Caroline.

— É você, James? — ela perguntou.

Uma pergunta desnecessária, pois quem mais poderia ser? Para dizer a verdade, foi precisamente minha irmã Caroline a razão dos meus minutos de atraso. O lema da família mangusto, como nos diz mr. Kipling, é: “Vá e descubra”. Se Caroline algum dia adotar um brasão, eu certamente sugeriria um mangusto rompante. Pode-se omitir a segunda parte do lema. Caroline pode descobrir muita coisa apenas permanecendo placidamente sentada em casa. Não sei como ela o faz, mas o faz. Minha suspeita é que os empregados e os comerciantes constituam seu “Serviço Secreto”. Quando ela sai, não é para coletar informação, mas para distribuí-la. Nisso, também, ela é extraordinariamente esperta.

Era justamente essa última característica que me causava essa angústia

e indecisão. O que eu dissesse a Caroline nesse momento com relação à causa da morte de Mrs. Ferrars se tornaria de conhecimento público por toda a cidade num espaço de tempo de hora e meia. Como médico, eu naturalmente prezo a discrição. Assim, desenvolvi o hábito de continuamente ocultar informação de minha irmã o máximo possível. De qualquer modo ela acaba descobrindo, porém tenho a satisfação moral de saber que de nenhuma forma fui responsável por isso.

O marido de Mrs. Ferrars morrera há cerca de um ano e Caroline tinha constantemente afirmado, sem base nenhuma para isso, que sua mulher o havia envenenado.

Ela zomba da minha resposta invariável de que Mr. Ferrars morrera de gastrite aguda, auxiliado por sua indulgência habitual com bebidas alcoólicas. Os sintomas de gastrite e envenenamento por arsênico não são, eu concordo, diferentes, porém Caroline baseia sua acusação em assertivas bem diferentes.

— Basta olhar para ela — eu a ouvi comentar.

Mrs. Ferrars, embora não mais uma jovem, era uma mulher bastante atraente, e suas roupas, apesar de simples, pareciam sempre lhe cair muito bem; no entanto inúmeras mulheres compram suas roupas em Paris sem que por isso tenham envenenado seus maridos.

Enquanto hesitava de pé no corredor de entrada, com tudo isso passando em minha mente, a voz de Caroline se fez ouvir novamente em um tom mais agudo.

— Afinal, James, o que você está fazendo aí? Por que não entra e toma seu café da manhã?

— Estou chegando, minha querida — apressei-me em responder. — Estava pendurando meu sobretudo.

— Você já poderia ter pendurado uma dúzia de casacos.

Ela estava certa. Eu poderia mesmo.

Entrei na sala de jantar, beijei de leve o rosto de Caroline como de costume, e sentei-me diante de ovos e bacon. O bacon estava um tanto frio.

— Você teve um chamado cedo — observou Caroline.

— Sim — eu disse. — De King's Paddock. Mrs. Ferrars.

— Eu sei — disse minha irmã.

— Como você sabia?

— Annie me contou.

Annie é a copeira. Uma boa moça, porém uma tagarela inveterada.

Houve uma pausa. Continuei a comer os ovos com bacon. O nariz de minha irmã, que é longo e fino, estremeceu na ponta, o que sempre acontece quando ela está interessada ou excitada com alguma coisa.

— Bem? — ela inquiriu.

— Um caso muito ruim. Nada a ser feito. Deve ter morrido durante o sono.

— Eu sei — disse novamente minha irmã.

Dessa vez me irritei.

— Não tem como você saber — respondi bruscamente. — Eu mesmo não sabia até chegar lá, e não mencionei o fato a nenhuma alma até o momento. Se essa moça Annie sabe, ela deve ser clarividente.

— Não foi Annie quem me contou. Foi o leiteiro. Ele soube pela cozinheira dos Ferrars.

É como eu digo, Caroline não precisa sair para se informar. Ela se senta em casa e a informação chega até ela.

Minha irmã continuou:

— De que ela morreu? Ataque cardíaco?

— O leiteiro não lhe contou isso? — perguntei com sarcasmo.

Sarcasmo é perda de tempo com Caroline. Ela leva a sério e responde de acordo.

— Ele não sabia — explicou.

Caroline iria saber afinal, mais cedo ou mais tarde. Ela podia, portanto, ouvir de mim.

— Ela morreu de uma dose excessiva de Veronal. Ela o vinha tomando recentemente para insônia. Deve ter tomado em excesso.

— Bobagem — disse Caroline imediatamente. — Ela tomou de propósito. Não precisa nem dizer!

É engraçado, quando se tem uma crença secreta, que não se quer reconhecer, quando alguém a expressa em voz alta, isso nos leva a negá-la veementemente. Eu explodi de pronto em um discurso indignado.

— Lá vai você de novo — eu disse —, precipitando-se sem pé nem cabeça. Por que cargas d'água mrs. Ferrars iria querer cometer suicídio? Uma viúva, ainda bastante jovem, bem de vida, sem nada a fazer exceto

divertir-se. É absurdo.

— De jeito nenhum. Até você deve ter reparado como ela estava diferente nos últimos tempos. Já faz uns seis meses. Ela parecia inteiramente atormentada. E você acaba de admitir que ela não conseguia dormir.

— Qual o seu diagnóstico? — perguntei com frieza. — Um romance infeliz, suponho?

Minha irmã balançou a cabeça.

— *Remorso* — ela disse, com muito gosto.

— Remorso?

— Sim. Você nunca acreditou em mim quando eu dizia que ela tinha envenenado o marido. Estou ainda mais convencida disso agora.

— Não acho que você esteja sendo muito lógica — objetei. — Se uma mulher comete um crime como assassinato, com certeza ela teria sangue-frio suficiente para desfrutar dos resultados sem nenhum sentimentalismo bobo como arrependimento.

Caroline balançou a cabeça.

— Existem mulheres, certamente, que são assim — mas mrs. Ferrars não era uma delas. Ela era um monte de nervos. Um impulso incontrolável a levou a livrar-se do marido porque ela era o tipo de pessoa que simplesmente não consegue suportar nenhum tipo de sofrimento, e não há dúvida de que a mulher de um homem como Ashley Ferrars deve ter sofrido muito...

Assenti com a cabeça.

— E desde então ela tem sido assombrada pelo que fez. Eu só posso ter pena dela.

Não acredito que Caroline tenha alguma vez sentido pena de mrs. Ferrars enquanto ela estava viva. Agora que ela se foi para onde (presumivelmente) os vestidos de Paris não podem ser usados, Caroline estava pronta para as emoções mais brandas de piedade e compreensão.

Eu lhe disse com firmeza que toda essa sua ideia era uma bobagem. Eu estava ainda mais firme porque no íntimo concordava em parte, pelo menos, com o que ela dissera. Mas não era certo que Caroline chegasse à verdade simplesmente através de um tipo de sexto sentido. Eu não encorajaria esse tipo de coisa. Ela irá por toda a cidade revelando suas

ideias, e todos irão pensar que ela está se baseando em informação médica fornecida por mim. A vida é muito difícil.

— Bobagem — disse Caroline, em resposta a minha censura. — Você vai ver. Aposto que ela deixou uma carta confessando tudo.

— Ela não deixou nenhuma carta — disse asperamente, sem perceber aonde essa afirmação iria me levar.

— Oh! — disse Caroline. — Então você *perguntou* sobre isso, não foi? Eu acredito, James, que, bem lá no fundo, você pensa como eu. Você é um doce velho hipócrita.

— É praxe sempre se considerar a possibilidade de suicídio — eu disse seriamente.

— Haverá um inquérito?

— Talvez haja. Tudo depende. Se eu puder me declarar completamente satisfeito com a conclusão de que uma dose excessiva foi tomada por acidente, talvez um inquérito seja desnecessário.

— E você está inteiramente convencido? — perguntou-me minha irmã com malícia.

Levantei-me da mesa sem responder.

quem é quem em king's abbot

antes de prosseguir com o que eu disse a Caroline e com o que Caroline me disse, talvez fosse apropriado passar uma ideia do que eu descreveria como nossa geografia local. Nossa vila, King's Abbot, é, penso eu, como qualquer outra vila. Nossa cidade grande é Cranchester, a nove milhas de distância. Temos uma grande estação ferroviária, uma pequena agência de correios e duas lojas de “departamentos” rivais. Homens saudáveis tendem a deixar o lugar cedo na vida, mas somos ricos em solteironas e oficiais aposentados. Nossos passatempos e recreações podem ser resumidos em uma palavra: “fofoca”.

Existem apenas duas casas de certa importância em King's Abbot. Uma é a King's Paddock, que Mrs. Ferrars herdou do marido. A outra, Fernly Park, pertence a Roger Ackroyd. Ackroyd sempre me interessou por ser um homem que se assemelha a um nobre do campo tanto quanto tal nobre deva parecer. Ele me lembra um esportista de rosto rosado que sempre surge no início do primeiro ato de um musical antigo, no qual os gramados da vila servem de cenário. Em geral cantam uma canção sobre partir para Londres. Hoje em dia temos o teatro de revista, e o nobre do interior desapareceu dos musicais.

É claro, Ackroyd não é de fato um nobre. Ele é um industrial de enorme sucesso que produz (eu acho) rodas para vagões. Ele beira os cinquenta anos de idade, com rosto corado e maneiras gentis. É unha e carne com o vigário, contribui generosamente para os fundos da paróquia (embora os rumores sejam de que ele é extremamente sovina com seus gastos pessoais), encoraja as partidas de críquete, clubes de jovens e institutos para soldados incapacitados. Ele é, na verdade, a vida e a alma de nossa

pacata vila de King's Abbot.

Quando Roger Ackroyd era, então, um rapaz de vinte e um anos, apaixonou-se e casou-se com uma linda mulher cinco ou seis anos mais velha. Seu nome era Paton, ela era viúva e mãe de uma criança. A história do casamento foi breve e dolorosa. Para ser direto, mrs. Ackroyd era dipsomaníaca. Ela conseguiu se matar de tanto beber após quatro anos de casamento.

Nos anos que se seguiram, Ackroyd não se mostrou disposto a entrar em uma segunda aventura matrimonial. O filho do primeiro casamento de sua mulher tinha apenas sete anos quando a mãe morreu. Ele tem agora vinte e cinco anos. Ackroyd sempre o considerou como seu filho, e o educou dessa maneira, porém ele tem sido um rapaz rebelde e uma contínua fonte de preocupação e problema para seu padrasto. No entanto, todos nós em King's Abbot gostamos muito de Ralph Paton. Para começar, ele é um jovem muito bonito.

Como eu disse antes, estamos sempre prontos a fofocar em nossa cidade. Todos repararam desde o início que Ackroyd e mrs. Ferrars se deram muito bem. Depois da morte de seu marido, a intimidade ficou ainda mais acentuada. Eles eram sempre vistos juntos, e se conjeturava livremente que, ao final de seu período de luto, mrs. Ferrars se tornaria mrs. Roger Ackroyd. Sentia-se, de fato, que havia uma certa adequação. A mulher de Roger Ackroyd tinha claramente morrido por causa da bebida. Ashley Ferrars tinha sido alcoólatra por muitos anos antes de morrer. Era apropriado que essas duas vítimas do excesso do álcool pudessem compensar um ao outro por tudo o que haviam sofrido nas mãos de seus cônjuges anteriores.

Os Ferrars vieram morar aqui fazia pouco mais de um ano, porém um halo de fofoca envolvia Ackroyd havia muitos anos. Ao longo de todo o período de crescimento de Ralph Paton, até o final de sua adolescência, uma série de governantas administrou a casa de Ackroyd, e todas eram vistas com intensa suspeita por Caroline e suas comadres. Não é demais dizer que por pelo menos quinze anos toda a cidade esperava confiantemente que Ackroyd se casasse com uma de suas governantas. A última delas, uma mulher terrível chamada miss Russell, reinou incontestemente por cinco anos, duas vezes mais que qualquer uma de suas predecessoras.

Havia uma sensação de que, se não fosse pelo advento de Mrs. Ferrars, Ackroyd dificilmente teria escapado. Isso e um outro fator: a chegada inesperada do Canadá de uma cunhada viúva acompanhada de sua filha. Mrs. Cecil Ackroyd, viúva do inútil irmão caçula de Ackroyd, foi morar em Fernly Park e conseguiu, segundo Caroline, colocar Miss Russell em seu devido lugar.

Não sei exatamente o que significa “seu devido lugar” — soa um tanto frio e desagradável —, mas sei que Miss Russell anda por aí com lábios cerrados, e com o que posso descrever apenas como um sorriso azedo, e que professa sua profunda comiseração pela “pobre Mrs. Ackroyd — dependente da caridade do irmão de seu marido. O pão da caridade é tão amargo, não é mesmo? Eu seria muito infeliz se não trabalhasse para o meu sustento”.

Desconheço o que pensava Mrs. Cecil Ackroyd do caso Ferrars quando soube dele. Era claramente vantajoso para ela que Ackroyd não se casasse. Ela era sempre bastante amável — para não dizer efusiva — com a Mrs. Ferrars quando se encontravam. Caroline diz que isso não prova nada.

Essas eram nossas preocupações em King’s Abbot nos últimos anos. Discutimos sobre Ackroyd e seus casos sob todos os ângulos. Mrs. Ferrars encaixou-se no seu papel no esquema.

Houve agora um rearranjo do caleidoscópio. De conversas tranquilas sobre prováveis presentes de casamento fomos lançados em meio à tragédia.

Revolvendo esses e outros diversos assuntos em minha mente, cumpri minha ronda de forma mecânica. Eu não tinha nenhum caso em especial para cuidar, o que foi talvez bom, pois meus pensamentos retornavam continuamente ao mistério da morte de Mrs. Ferrars. Teria ela acabado com a própria vida? Claro que, se tivesse feito isso, não teria deixado um bilhete para explicar o que tinha feito? As mulheres, em minha experiência, se decidem cometer suicídio, em geral, querem revelar o estado mental que levou à ação fatal. Elas ambicionam a publicidade.

Quando foi que a tinha visto pela última vez? Não fazia mais de uma semana. Suas maneiras na ocasião tinham sido normais, considerando, bem, considerando tudo.

De repente lembrei-me de que a tinha visto, embora não tivéssemos

nos falado, ontem mesmo. Ela caminhava com Ralph Paton, e eu ficara surpreso porque não tinha ideia de que ele estivesse em King's Abbot. Eu na verdade achava que ele tinha finalmente brigado com seu padrasto. Não o tínhamos visto por aqui nos últimos seis meses. Eles caminhavam, lado a lado, com as cabeças próximas, e ela falava com uma expressão bastante grave.

Posso afirmar com segurança que foi então nesse momento que uma previsão do futuro me arrebatou. Nada palpável ainda — mas uma premonição vaga sobre como as coisas estavam se encaminhando. Esse *tête-à-tête* entre Ralph Paton e mrs. Ferrars no dia anterior me impactou de forma desagradável.

Eu ainda pensava nisso quando me vi frente a frente com Roger Ackroyd.

— Sheppard! — ele exclamou. — Exatamente com quem eu queria falar. Esta é uma situação horrível.

— Você soube então?

Ele aquiesceu. Eu podia perceber que ele sentira o golpe intensamente. Suas grandes bochechas rubras pareciam encovadas, e ele tinha uma aparência arrasada que destoava de seu costumeiro jeito jovial e vigoroso.

— É pior ainda do que você imagina — ele disse baixinho. — Olhe, Sheppard, preciso falar com você. Você pode vir comigo agora?

— Não creio. Tenho ainda três pacientes para ver, e devo retornar ao meio-dia para ver os pacientes no consultório.

— Então esta tarde, não, melhor ainda, venha jantar esta noite. Às 19h30? Está bem para você?

— Sim, posso. O que há de errado? É Ralph?

Não tenho ideia de por que disse isso, exceto, talvez, pelo fato de que frequentemente era sobre Ralph.

Ackroyd me olhou estupefato como se mal tivesse entendido. Comecei a perceber que deveria haver alguma coisa bastante errada em algum lugar. Eu nunca tinha visto Ackroyd tão perturbado antes.

— Ralph? — ele disse vagamente. — Oh! Não, não é sobre Ralph. Ralph está em Londres — droga! Lá vem a velha miss Ganett. Eu não quero ter de falar com ela sobre esse assunto horrível. Vejo você hoje à noite, Sheppard. Às 19h30.

Sacudi a cabeça afirmativamente, e ele saiu apressado e me deixou pensando. Ralph, em Londres? Mas ele certamente estivera em King's Abbot na tarde anterior. Ele deve ter retornado para a cidade ontem à noite ou hoje cedo pela manhã, ainda assim o jeito de Ackroyd transmitira uma impressão bastante diferente. Ele falara como se Ralph estivesse longe dali há meses.

Não tive tempo para decifrar esse assunto. Miss Ganett já tinha me alcançado, sedenta por informação. Miss Ganett tem todas as características de minha irmã Caroline, mas lhe falta aquela infalível pontaria ao pular para conclusões, o que dá um toque de grandeza às manobras de Caroline. Miss Ganett estava sem fôlego e inquisitiva.

Não era triste o que acontecera com a pobre querida mrs. Ferrars? Muitas pessoas estão comentando que, com toda a certeza, ela consumia drogas havia anos. Era tão maldosa a maneira de as pessoas comentarem. E, ainda assim, o pior era que havia sempre um quê de verdade em algum lugar dessas afirmações loucas. Não há fumaça sem fogo! Estão dizendo também que mr. Ackroyd descobrira isso e rompera o noivado — porque *existia* um noivado. Ela, miss Ganett, tinha provas incontestáveis disso. É claro que eu deveria estar sabendo tudo a respeito — os médicos sempre sabiam. Mas alguma vez falavam?

Tudo isso dito com pequenos olhos perspicazes sobre mim, para ver como eu reagia a essas declarações. Felizmente a longa associação com Caroline tinha me levado a preservar uma face impassível, e eu estava pronto a emitir pequenas observações não comprometedoras.

Nessa situação, parabeneizei miss Ganett por não aderir a fofocas maldosas. Um ótimo contra-ataque, pensei. Deixei-a em dificuldades, e antes que pudesse se recompor, eu já tinha seguido adiante.

Fui para casa pensativo, para encontrar vários pacientes me esperando no consultório.

Já havia dispensado o último, eu achava, e estava no jardim meditando por alguns minutos quando percebi que mais uma paciente me aguardava. Ela se levantou e caminhou na minha direção enquanto eu permanecia surpreso.

Não sei por que deveria estar surpreso, a não ser pelo fato de que há uma impressão de saúde de ferro em relação a miss Russell, algo que está

além das debilidades da carne.

A governanta do Ackroyd é uma mulher alta, bonita, porém de aparência ameaçadora. Ela tem um olhar severo e lábios cerrados, e eu me senti como se eu fosse um empregado subalterno ou ajudante de cozinha que precisaria correr para salvar minha vida sempre que a ouvisse chegar.

— Bom dia, doutor Sheppard — disse miss Russell. — Eu ficaria muito grata se o senhor examinasse meu joelho.

Dei uma olhada, mas, para ser sincero, fui nem um pouco sábio ao fazer isso. O relato de miss Russell sobre dores vagas era tão pouco convincente que com uma mulher de caráter menos íntegro eu suspeitaria de uma história forjada. Cruzou minha mente por um instante que miss Russell poderia ter deliberadamente inventado essa dor no joelho com o intuito de me interrogar sobre o assunto da morte de mrs. Ferrars, mas logo percebi que, ao menos nesse momento, eu a julgara mal. Ela fez apenas uma breve referência à tragédia e nada mais. Porém, parecia disposta a ficar por ali conversando.

— Bem, muito obrigada por essa pomada, doutor — ela disse por fim. — Não que eu ache que vá fazer algum bem.

Eu também não achava, mas protestei por dever. Afinal, mal não faria, e devemos aderir às ferramentas da profissão.

— Eu não acredito em todas essas drogas — disse miss Russell, seus olhos corriam desdenhosos pela minha coleção de frascos. — Drogas fazem muito mal. Veja o hábito da cocaína.

— Bem, no que concerne a isso...

— É bastante difundido na alta sociedade.

Tenho certeza de que miss Russell sabe muito mais sobre a alta sociedade do que eu. Não tentei argumentar com ela.

— Apenas me diga, doutor — disse miss Russell. — Imagine que o senhor seja de fato um escravo do hábito da droga. Existe alguma cura?

Não se pode responder a uma pergunta dessa assim de improviso. Fiz uma pequena preleção sobre o assunto, e ela ouviu com bastante atenção. Eu ainda suspeitava que ela buscasse informação sobre mrs. Ferrars.

— Agora, por exemplo, Veronal... — continuei.

Mas, estranhamente, ela não parecia interessada em Veronal. Ela mudou de assunto e me perguntou se era verdade que existiam certos

venenos muito raros que não podiam ser detectados.

— Ah! — eu disse. — Você andou lendo histórias de detetive.

Ela admitiu que sim.

— A essência de uma história de detetive — eu disse — é ter um veneno raro, se possível algum da América do Sul, do qual ninguém ouviu falar, algo que tribos selvagens remotas usam para envenenar suas flechas. A morte é instantânea, e a ciência ocidental é impotente para detectá-lo. É a algo assim que você está se referindo?

— Sim. Existe isso?

Balancei minha cabeça pesarosamente.

— Receio que não. Existe o curare, é claro.

Dei-lhe bastante informação sobre o curare, mas ela parecia mais uma vez ter perdido o interesse. Ela me perguntou se eu tinha algum veneno em meu armário, e, quando disse que não, creio que caí em seu conceito.

Ela disse que tinha de voltar, e eu a vi passar pela porta do consultório no instante em que soava o gongo do almoço.

Eu jamais suspeitaria que miss Russell gostasse de histórias de detetive. Divertia-me muito imaginá-la saindo do seu quarto de governanta para repreender uma empregada delinquente e então retornar a uma confortável leitura de *O mistério da sétima morte*, ou algo do gênero.

o homem que cultivava abobrinhas

eu disse a caroline na hora do almoço que jantaria em Fernly. Ela não expressou nenhuma objeção, ao contrário.

— Excelente — ela disse. — Você ficará sabendo de tudo. Aliás, qual o problema com Ralph?

— Com Ralph? — disse, surpreso. — Nenhum.

— Então por que ele está hospedado na pousada Three Boars em vez de estar em Fernly Park?

Nem por um minuto questionei a afirmação de Caroline de que Ralph Paton estivesse hospedado na pousada local. O fato de Caroline dizer isso era suficiente para mim.

— Ackroyd me disse que ele estava em Londres — eu disse. Na surpresa do momento abandonei minha regra valiosa de não adiantar nenhuma informação.

— Oh! — disse Caroline. Eu podia ver seu nariz se mexendo enquanto ela farejava a respeito.

— Ele chegou à Three Boars ontem de manhã — ela disse. — E ainda está lá. Ontem ele saiu com uma moça.

Isso não me surpreendia em nada. Ralph, eu diria, sai com moças na maioria das noites de sua vida. Mas eu me perguntava por que ele escolhera cultivar seu passatempo favorito em King's Abbot em vez da alegre metrópole.

— Uma das garçonetes? — perguntei.

— Não. Isso é tudo. Ele saiu para encontrá-la. Eu não sei quem ela é.

(Era duro para Caroline ter de admitir tal coisa.)

— Mas posso imaginar — continuou minha incansável irmã.

Esperei com paciência.

— Sua prima.

— Flora Ackroyd? — exclamei surpreso.

Flora Ackroyd não é, claro, parente de fato de Ralph Paton, mas Ralph foi considerado praticamente filho de Ackroyd por tanto tempo que serem primos era considerado natural.

— Flora Ackroyd — disse minha irmã.

— Mas por que não ir à Fernly se ele queria vê-la?

— Noivos em segredo — disse Caroline, com grande divertimento. — O velho Ackroyd não admitiria e eles tiveram de se encontrar dessa forma.

Vi muitas falhas consideráveis na teoria de Caroline, mas me abstive de demonstrá-las a ela. Uma observação inocente sobre nosso vizinho desviou o rumo da conversa.

A casa vizinha, The Larches, foi recentemente ocupada por um estranho. Para grande aborrecimento de Caroline, ela não pôde descobrir nada sobre ele, exceto que é estrangeiro. Seu “Serviço Secreto” falhou totalmente. É de presumir que o homem receba leite e verduras e carne em casa e se utilize de vez em quando dos serviços da lavanderia como todo mundo, mas nenhuma das pessoas que fornecem essas coisas parece ter conseguido qualquer informação. Seu nome, aparentemente, é mr. Porrott — um nome que transmite uma estranha sensação de irrealidade. A única coisa que sabemos sobre ele é que tem interesse em cultivar abobrinhas.

Mas esse não é certamente o tipo de informação que Caroline busca. Ela quer saber de onde ele vem, o que faz, se é casado, o que fazia sua mulher, ou faz, se ele tem filhos, qual era o nome de solteira de sua mãe etc. Imagino que alguém muito parecido com Caroline deve ter inventado as perguntas nos passaportes.

— Minha querida Caroline — disse. — Não há nenhuma dúvida sobre qual é a profissão desse homem. Ele é um cabeleireiro aposentado. Veja o bigode dele.

Caroline discordou. Disse que, se o homem fosse um cabeleireiro, ele teria o cabelo ondulado — não liso. Todos os cabeleireiros tinham cabelo ondulado.

Citei vários cabeleireiros que eu conhecia pessoalmente com cabelos lisos, mas Caroline se recusava a ser convencida.

— Não consigo decidir sobre ele de jeito nenhum — ela disse com voz triste. — Outro dia peguei emprestado algumas ferramentas de jardinagem, e ele foi extremamente educado, mas não consegui arrancar nada dele. Por fim perguntei-lhe francamente se ele era francês, e me disse que não, e por alguma razão não quis lhe perguntar mais nada.

Passei a ficar mais interessado em nosso misterioso vizinho. Um homem capaz de calar Caroline e enviá-la embora como a rainha de Sabá de mãos vazias devia ser uma personalidade e tanto.

— Eu acredito — disse Caroline — que ele tem um desses novos aspiradores de pó...

Percebi um empréstimo ser cogitado como oportunidade de novas inquisições brilhando em seus olhos. Aproveitei a chance de escapulir para o jardim. Gosto muito de jardinagem. Estava ocupado exterminando raízes de dentes-de-leão quando um grito de alerta soou muito próximo e um corpo pesado passou zunindo pelo meu ouvido e caiu aos meus pés esborrachando-se. Era uma abobrinha!

Olhei para cima furioso. Sobre o muro, à minha esquerda, surgiu um rosto. Uma cabeça oval, parcialmente recoberta por cabelos de um negro suspeito, um enorme bigode e um par de olhos observadores. Era nosso vizinho misterioso, mr. Porrott.

Ele irrompeu em fluentes desculpas.

— Eu lhe peço mil perdões, monsieur. Não tenho desculpas. Tenho cultivado abobrinha há meses. Esta manhã, de repente, me enraiveci com elas e mandei-as passear — *alas!* Não apenas mentalmente, mas fisicamente. Peguei a maior delas e a atirei por cima do muro. Monsieur, estou envergonhado. Eu me inclino a seus pés!

Diante de tal profusão de desculpas, minha raiva foi forçada a ceder. Afinal, a desagradável leguminosa não havia me atingido. Mas eu esperava sinceramente que lançar grandes legumes por sobre muros não fosse um passatempo de nosso novo amigo. Tal hábito dificilmente o recomendaria como nosso vizinho.

O estranho homenzinho pareceu ler meus pensamentos.

— Ah! Não — ele exclamou. — Não se inquiete. Não é um hábito meu. Mas o senhor pode imaginar por si mesmo, monsieur, que um homem possa trabalhar rumo a um certo objetivo, possa labutar e mourejar para

alcançar certo tipo de lazer e ocupação, e afinal descobre que anseia pelos velhos dias ocupados e pela antiga ocupação que ele se acreditava tão feliz de deixar?

— Sim — eu disse lentamente. — Eu imagino que isso ocorra com frequência. Eu talvez seja um exemplo disso. Há um ano recebi uma herança, o suficiente para que pudesse realizar um sonho. Sempre quis viajar e ver o mundo. Bem, isso foi há um ano, como eu disse, e... ainda estou aqui.

O pequeno vizinho concordou com um gesto de cabeça.

— Os grilhões do hábito. Trabalhamos para alcançar um objetivo, e, o objetivo tendo sido alcançado, descobrimos que sentimos falta é da labuta diária. E repare, monsieur, meu trabalho era interessante. O trabalho mais interessante que existe.

— Sim? — disse encorajando-o. Naquele momento o espírito de Caroline batia forte em mim.

— O estudo da natureza humana, monsieur!

— Perfeitamente — disse com gentileza.

Certamente um cabeleireiro aposentado. Quem melhor que um cabeleireiro conhece os segredos da natureza humana?

— E também eu tinha um amigo, um amigo que por muitos anos nunca me abandonou. Algumas vezes era de uma imbecilidade que dava medo, no entanto era muito querido por mim. Imagine que sinto falta inclusive de sua estupidez. Sua *naïveté*, sua perspectiva honesta, o prazer de deliciá-lo e surpreendê-lo com meus dons superiores, tudo isso me faz muita falta.

— Ele morreu? — perguntei penalizado.

— Não. Ele está vivo e próspero, mas do outro lado do mundo. Ele está agora na Argentina.

Sempre quis ir à América do Sul. Suspirei e levantei os olhos, encontrando mr. Porrott me fitando com simpatia. Parecia ser um homenzinho compreensivo.

— Você irá até lá, não é? — ele perguntou.

Sacudi a cabeça com um suspiro.

— Eu poderia ter ido — eu disse —, há um ano. Mas fui tolo, e pior do que tolo, fui ganancioso. Arrisquei o certo pelo duvidoso.

— Eu compreendo — disse mr. Porrott. — O senhor especulou na

Bolsa?

Sacudi a cabeça lastimosamente, mas, apesar de tudo, intimamente, me divertia muito. Esse homenzinho ridículo tinha um ar tão solene!

— Não teria sido no Porcupine Oilfields? — ele perguntou subitamente. Olhei-o estarrecido.

— Pensei em investir neles, na verdade, mas no final optei por uma mina de ouro no oeste da Austrália.

Meu vizinho me olhava com uma expressão estranha que eu não entendia.

— É o destino — ele disse afinal.

— O que é destino? — perguntei irritado.

— Que eu viesse a morar ao lado de um homem que seriamente considere Porcupine Oilfields, e também as minas de ouro no oeste da Austrália. Diga-me, você tem também uma queda por cabelos castanho-avermelhados?

Olhei-o boquiaberto, e ele explodiu em uma gargalhada.

— Não, não, não sofro de insanidade. Relaxe. Foi uma pergunta tola que fiz a você, pois, veja, o meu amigo sobre quem lhe falei era jovem, um homem que acreditava que todas as mulheres eram boas, e, em sua maioria, bonitas. Mas você é um homem de meia-idade, um médico, um homem que conhece a loucura e a vaidade da maior parte das coisas desta nossa vida. Bem, bem, somos vizinhos. Eu peço que aceite e ofereça à sua extraordinária irmã minha melhor abobrinha.

Abaixou-se e com um floreio me ofereceu um enorme espécime, que aceitei devidamente com o mesmo espírito com o qual me foi oferecido.

— Realmente — disse o homenzinho com satisfação —, esta não foi uma manhã desperdiçada. Conheci um homem que em alguns aspectos lembra meu amigo distante. Aliás, gostaria de lhe fazer uma pergunta. Sem dúvida você conhece cada um nesta pequena vila. Quem é o jovem com cabelos e olhos bem escuros e um rosto bonito? Ele caminha com a cabeça jogada para trás, e um sorriso relaxado nos lábios.

A descrição não deixou dúvidas.

— Deve ser o capitão Ralph Paton — respondi devagar.

— Eu já não o teria visto por aqui antes?

— Não, ele não vem aqui há algum tempo. Mas ele é o filho — filho

adotivo, melhor dizendo — do mr. Ackroyd, de Fernly Park.

Meu vizinho fez um leve gesto de impaciência.

— Claro, eu deveria ter imaginado. Mr. Ackroyd falou sobre ele várias vezes.

— Conhece mr. Ackroyd? — perguntei com certa surpresa.

— Mr. Ackroyd me conheceu em Londres, quando eu trabalhava lá. Pedi a ele que não comentasse nada aqui sobre minha profissão.

— Entendo — eu disse, bastante divertido por esse sinal, como eu pensara, evidente de esnobismo.

Mas o homenzinho prosseguiu com um sorriso afetado.

— É melhor permanecer incógnito. Não anseio por notoriedade. Nem sequer me preocupei em corrigir a versão local do meu nome.

— Realmente — eu disse, sem saber bem o que mais dizer.

— Capitão Ralph Paton — murmurou pensativo mr. Porrott. — E ele então está noivo da sobrinha do mr. Ackroyd, a charmosa miss Flora.

— Quem lhe contou? — perguntei muito surpreso.

— Mr. Ackroyd. Há cerca de uma semana. Ele está muito satisfeito com o noivado — há muito desejava que alguma coisa assim acontecesse, ou foi o que entendi. Acredito inclusive que ele tenha feito alguma pressão sobre o jovem. Isso nunca é sábio. Um jovem deve se casar com quem lhe agrada — e não para agradar ao padrasto de quem espera receber uma herança.

Fiquei completamente perturbado. Não podia imaginar Ackroyd fazendo de um cabeleireiro seu confidente e discutindo com ele sobre o casamento de sua sobrinha com o enteado. Ackroyd é amável e cordial com as pessoas de classes inferiores, porém tem um senso bastante grande de sua própria dignidade. Comecei a achar afinal que Porrott não poderia ser um cabeleireiro.

Para disfarçar minha confusão, disse a primeira coisa que me veio à mente.

— O que o fez reparar em Ralph Paton? Sua boa aparência?

— Não, não só isso, embora ele seja singularmente bonito para um inglês, o que suas romancistas chamariam de um deus grego. Não, havia algo a respeito desse jovem que eu não compreendi.

Ele disse a última frase em um tom de voz pensativo, que me causou uma impressão indefinida. Era como se ele estivesse resumindo o jovem à

luz de algum conhecimento interior que eu não compartilhava. Foi essa a impressão que permaneceu comigo, pois nesse instante a voz de minha irmã me chamava de casa.

Entrei. Caroline estava de chapéu, e claramente acabara de chegar da cidade. Sem preâmbulos ela disse:

— Encontrei mr. Ackroyd.

— Sim? — disse.

— Eu o parei, é claro, mas ele parecia muito apressado e ansioso para afastar-se.

Eu não tinha dúvida de que fosse verdade. Ele sentiria com relação a Caroline algo parecido com o que eu sentira mais cedo hoje com relação à miss Ganett — talvez ainda mais. Caroline é mais difícil de nos desembaraçarmos.

— Eu lhe perguntei imediatamente sobre Ralph. Ele ficou estarelecido. Não tinha a menor ideia de que o menino tivesse estado aqui. Na verdade ele disse que acreditava que eu me enganara. Eu! Enganada!

— Ridículo — eu disse. — Ele deveria se informar melhor.

— Ele então prosseguiu me contando que Ralph e Flora estão noivos.

— Eu sei disso também — interrompi, com um orgulho discreto.

— Quem lhe contou?

— Nosso vizinho.

Caroline oscilou visivelmente por um segundo ou dois, como uma bola de roleta pode vacilar entre dois números. Mas afinal decidiu-se por não aceitar a atraente tentativa de desviar o rumo da conversa.

— Eu disse ao mr. Ackroyd que Ralph estava hospedado na Three Boars.

— Caroline — eu disse —, você não considera, nunca, que pode causar muito dano com esse seu hábito de repetir tudo, indiscriminadamente?

— Bobagem — disse minha irmã. — As pessoas precisam saber das coisas. Eu considero meu dever contar a elas. Mr. Ackroyd ficou muito grato a mim.

— E então? — eu disse, pois claramente ainda havia mais.

— Eu acho que ele foi diretamente para a Three Boars, mas se foi não encontrou Ralph lá.

— Não?

— Não. Porque quando eu voltava pelo bosque...

— Voltando pelo bosque? — eu a interrompi.

Caroline teve o decoro de enrubescer.

— Estava um dia tão agradável — ela exclamou. — Pensei em dar uma pequena volta. O bosque com seus matizes outonais é um lugar perfeito nesta época do ano.

Caroline não dá a mínima bola para bosques em qualquer época do ano. Em geral os considera como locais onde se encharcam os pés, e onde todos os tipos de coisas desagradáveis podem cair em nossa cabeça. Não, foi o infalível instinto de mangusto que a levou ao nosso bosque local. É o único lugar próximo da vila de King's Abbot onde se pode conversar com uma jovem sem ser visto por todos na cidade. E fica ao lado do parque de Fernly.

— Bem — eu disse —, continue.

— Como eu dizia, eu estava voltando pelo bosque quando ouvi vozes.

Caroline parou.

— Sim?

— Uma era de Ralph Paton, eu logo soube. A outra era de uma moça. Claro que não era minha intenção ouvir...

— Claro que não — atalhei, com sarcasmo evidente, que infelizmente, em se tratando de Caroline, era um desperdício.

— Mas simplesmente era impossível não ouvir. A moça disse alguma coisa, não ouvi bem o que foi, e Ralph respondeu. Ele parecia muito zangado. “Minha querida”, ele disse, “você não percebe que é bem provável que o velho me deixe sem um centavo? Ele tem estado farto de mim nos últimos anos. Basta só um pouco mais. E precisamos do dinheiro, minha querida. Eu serei um homem muito rico quando o velho morrer. Ele é sovina como dizem, mas tem muito dinheiro. Não quero que ele altere seu testamento. Deixe comigo, não se preocupe.” Essas foram exatamente as suas palavras. Eu me lembro perfeitamente. Infelizmente, bem nessa hora pisei em um galho seco ou algo assim, e eles baixaram o tom de voz e saíram. Eu não podia, é claro, correr atrás deles, então não pude ver quem era a moça.

— Isso deve ter sido muito decepcionante — eu disse. — Imagino, no entanto, que você tenha corrido até a Three Boars, sentindo-se desvanecer,

e ido até o bar para tomar um conhaque, e pôde reparar então se as duas garçonetes estavam em horário de trabalho?

— Não era uma garçonete — disse Caroline sem hesitar. — Na verdade, tenho quase certeza de que era Flora Ackroyd, só que...

— Só que não faz sentido — concordei.

— Mas, se não fosse Flora, quem poderia ter sido?

Minha irmã rapidamente correu uma lista das solteiras que moravam na vizinhança, com profusas razões contra e a favor.

Quando parou para respirar, murmurei algo sobre um paciente e saí.

Minha intenção era ir na direção de Three Boars. Era provável que Ralph Paton já tivesse retornado a essa altura.

Eu conhecia Ralph muito bem, melhor, talvez, que qualquer outro em King's Abbot, pois eu conhecera sua mãe antes de ele existir e, portanto, entendia muita coisa dele que a outros confundia. Ele era, em certa medida, a vítima da hereditariedade. Ele não herdara a propensão fatal de sua mãe para a bebida; no entanto, havia nele um traço de fraqueza. Como declarara meu novo amigo esta manhã, ele era extraordinariamente bonito. Media 1,85 m de altura, perfeitamente proporcional, com a graça natural de um atleta, moreno como sua mãe, com um belo rosto bronzeado sempre pronto a abrir-se em um sorriso. Ralph Paton era um desses nascidos para encantar com facilidade e sem esforço. Ele era autoindulgente e extravagante, sem respeito por nada nesta terra, mas, no entanto, era amável e todos seus amigos lhe eram devotados.

Será que eu poderia fazer alguma coisa pelo menino? Achava que sim.

Ao perguntar na Three Boars descobri que o capitão Paton acabara de chegar. Subi ao seu quarto e entrei sem me anunciar.

Por um instante, lembrando do que tinha ouvido e visto, fiquei em dúvida quanto à minha recepção, mas minhas apreensões eram infundadas.

— Oh, é Sheppard! Que bom vê-lo.

Ele se aproximou para me cumprimentar, com a mão estendida, um sorriso radioso iluminando seu rosto.

— A única pessoa que tenho prazer em ver nesse lugar infernal.

Levantei as sobrancelhas.

— O que o lugar tem feito?

Ele riu aflito.

— É uma longa história. As coisas não têm ido bem para mim, doutor. Mas aceita uma bebida?

— Obrigado — eu disse —, aceito.

Ele apertou a campainha e, retornando, jogou-se em uma poltrona.

— Para dizer a verdade — ele disse com ar sombrio —, estou em uma encrenca danada. Na verdade, não tenho a menor ideia do que fazer agora...

— Qual é o problema? — perguntei com simpatia.

— É meu abominável padrasto.

— O que ele fez?

— Não é o que ele já fez, mas o que provavelmente fará.

A campainha foi respondida, e Ralph pediu as bebidas.

Quando o homem se foi, ele se sentou curvado na poltrona, franzindo as sobrancelhas.

— É realmente grave? — perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Estou totalmente contra isso desta vez — ele disse seriamente.

O tom de gravidade, incomum em sua voz, me indicava que ele dizia a verdade. Era preciso muito para deixar Ralph sério.

— Na verdade — ele continuou —, não consigo vislumbrar meu futuro... não consigo mesmo.

— Se há algo que eu possa fazer por você — propus com firmeza.

Mas ele sacudiu a cabeça com determinação.

— É generoso da sua parte, doutor. Mas não posso deixá-lo se envolver nisso. Preciso dar uma cartada sozinho.

Ele ficou em silêncio por um instante e depois repetiu em um tom de voz ligeiramente diferente:

— Sim, preciso dar uma cartada sozinho...

o jantar em fernly

Faltavam apenas alguns minutos para as 19h30 quando toquei a campainha da frente de Fernly Park. A porta foi aberta com uma prontidão admirável por Parker, o mordomo.

A noite estava tão agradável que preferi vir a pé. Entrei no grande saguão quadrado e Parker pegou meu sobretudo. Nesse momento o secretário de Ackroyd, um jovem simpático chamado Raymond, passou pelo saguão a caminho do escritório, com as mãos cheias de papéis.

— Boa noite, doutor. Veio para o jantar? Ou é uma visita profissional?

Essa última foi uma alusão a minha maleta preta, que apoiara na arca de carvalho.

Expliquei que esperava ser chamado a qualquer momento para um parto, e portanto viera preparado para uma emergência. Raymond acenou com a cabeça, e seguiu seu caminho, falando por sobre o ombro:

— Espere no salão de recepção. Você conhece o caminho. As senhoras descerão em um instante. Eu tenho apenas que levar estes papéis para mr. Ackroyd, e lhe direi que está aqui.

Com a chegada de Raymond, Parker se recolheu, e eu estava então sozinho no saguão de entrada. Ajeitei a gravata, dei uma olhada rápida no grande espelho pendurado ali, e cruzei em direção à porta bem à minha frente, que era, como eu sabia, a porta para o salão de recepção.

Percebi, no momento em que ia girar a maçaneta, um som no interior — o fechar de uma janela, foi o que achei. Reparei no som de maneira mecânica sem lhe atribuir muita importância naquele momento.

Abri a porta e entrei. Ao fazê-lo quase colidi com miss Russell, que vinha saindo. Ambos nos desculpamos.

Pela primeira vez me peguei avaliando a governanta e pensando que ela deveria ter sido uma mulher muito bonita — e em realidade, com relação a isso, ainda o era. Seus cabelos escuros não tinham fios grisalhos, e quando enrubescia, como nesse momento, a característica severa de sua aparência não era tão evidente.

Muito inconscientemente me perguntei se ela teria vindo de fora, pois estava ofegante, como se tivesse corrido.

— Receio estar alguns minutos adiantado — eu disse.

— Oh! Não creio. Já passa das 19h30, doutor Sheppard. — Ela parou um minuto antes de dizer — Eu... não sabia que o senhor vinha jantar hoje. Mr. Ackroyd não o mencionou.

Fiquei com a vaga impressão de que minha presença no jantar a desagradava de alguma maneira, mas não podia imaginar por quê.

— Como está o joelho? — perguntei.

— Na mesma, obrigada, doutor. Devo ir agora. Mrs. Ackroyd descera num instante. Eu... eu apenas vim ver se as flores estavam direito.

Ela saiu rápido da sala. Caminhei até a janela, refletindo sobre o seu desejo evidente de justificar sua presença ali. Ao fazê-lo percebi que, é claro, eu deveria ter sabido o tempo todo, se tivesse pensado melhor, isso é, que as janelas eram francesas, do tipo que se abriam para o terraço. O som que ouvi, portanto, não poderia ter sido o de uma janela sendo fechada.

Preguiçosamente, e mais para distrair a minha mente de pensamentos dolorosos do que por qualquer outra razão, me diverti tentando imaginar o que poderia ter causado aquele som.

Carvão na lareira? Não, não era de jeito algum esse tipo de barulho. Uma gaveta da escrivaninha sendo empurrada? Não, também não.

Meu olhar foi então atraído pelo que, acredito, seja chamado de mesa-mostruário, cuja tampa se levanta e pelo vidro podemos ver seu conteúdo. Dirigi-me para ela, examinando os objetos no interior. Havia uma ou outra peça de prata antiga, um sapato de bebê que pertencera ao rei Carlos I, algumas figuras chinesas de jade e uma quantidade de artefatos e raridades africanas. Com a intenção de examinar mais de perto uma das figuras de jade eu levantei a tampa. Ela escorregou pelos meus dedos e caiu.

Imediatamente reconheci o som que escutara. Foi essa mesma tampa de mesa sendo fechada com muito cuidado e delicadeza. Repeti a ação

umas duas vezes para minha própria satisfação. E então levantei a tampa para examinar o conteúdo mais de perto.

Eu ainda estava debruçado sobre a mesa aberta quando Flora Ackroyd entrou na sala.

Muitas pessoas não gostam de Flora Ackroyd, mas ninguém pode deixar de admirá-la. E ela pode ser bastante encantadora com seus amigos. A primeira coisa que chama a atenção é sua extraordinária beleza. Ela tem o verdadeiro cabelo dourado pálido escandinavo. Seus olhos são azuis — azuis como as águas dos fiordes noruegueses, e sua pele é como nata e rosas. Ela tem ombros quadrados de menino e quadris pouco pronunciados. E para um velho médico cansado é refrescante encontrar alguém perfeitamente saudável.

Uma simples e franca garota inglesa — posso ser antiquado, mas acredito que um artigo genuíno é muito difícil de encontrar.

Flora se juntou a mim ao lado da mesinha e expressou dúvidas heréticas sobre o rei Carlos I ter algum dia usado aquele sapatinho de bebê.

— E de qualquer modo — continuou miss Flora —, todo esse alvoroço sobre coisas que pessoas teriam ou não usado me parece uma enorme bobagem. Elas não as estão usando agora. A caneta com que George Eliot escreveu *O moinho à beira do rio*, esse tipo de coisa, bem, é apenas uma caneta afinal. Se uma pessoa gosta realmente de George Eliot, por que não comprar *O moinho à beira do rio* em uma edição barata e lê-lo?

— Imagino, miss Flora, que nunca leia uma coisa tão velha e desatualizada?

— Está enganado, doutor Sheppard. Eu adoro *O moinho à beira do rio*.

Fiquei bastante satisfeito ao ouvir isso. As coisas que as jovens leem hoje em dia e professam gostar me apavoram deveras.

— Ainda não me parabenizou, doutor Sheppard — disse Flora. — Não soube?

Ela esticou sua mão esquerda. No terceiro dedo estava um belo solitário de pérola.

— Vou me casar com Ralph, sabe — ela continuou. — Meu tio está bastante contente. Isso me mantém na família.

Tomei ambas as suas mãos nas minhas.

— Minha querida — eu disse —, espero que você seja muito feliz.

— Estamos noivos há mais ou menos um mês — continuou Flora em sua voz tranquila —, porém foi anunciado apenas ontem. Meu tio vai preparar o Cross-Stones e oferecê-lo para nós morarmos, e nós vamos fingir que somos fazendeiros. De fato, vamos caçar durante o inverno, ir para a cidade na primavera e então sair de iate. Eu adoro o mar. E, claro, vou me dedicar aos assuntos da paróquia e participar de todas as reuniões de mães.

Nesse momento mrs. Ackroyd entrou ruidosamente, cheia de desculpas pelo atraso.

Lamento dizer que detesto mrs. Ackroyd. Ela é toda colares, dentes e ossos. Uma mulher muito desagradável. Ela tem olhos pequenos e duros de um azul muito pálido, e, independentemente do quanto suas palavras sejam efusivas, seus olhos permanecem em uma frieza especulativa.

Atravessei a sala em sua direção, deixando Flora perto da janela. Ela me estendeu a mão angulosa e cheia de anéis para apertar, e começou a falar loquazmente.

Eu já soubera do noivado de Flora? Tão apropriado sob todos os aspectos. Os queridos jovens tinham se apaixonado à primeira vista. Um par tão perfeito, ele tão moreno, ela tão clara.

— Não tenho como expressar, meu querido doutor Sheppard, o alívio para um coração de mãe.

Mrs. Ackroyd suspirou — um tributo ao seu próprio coração materno enquanto seus olhos permaneciam sagazes me observando.

— Eu estava pensando. Você é um velho amigo do querido Roger. Sabemos quanto ele confia em seu julgamento. É tão difícil para mim, em minha posição, como pobre viúva de Cecil. Mas há tantas coisas cansativas, arranjos, você sabe, tudo isso. Eu acredito inteiramente que Roger pretenda estabelecer um dote para a querida Flora, mas, como você sabe, ele é um *pouco* peculiar com respeito a dinheiro. Muito comum, já ouvi dizer, entre homens que são donos de indústrias. Eu queria saber se você poderia simplesmente *sondá-lo* sobre o assunto? Flora gosta tanto de você. Nós o temos como um velho amigo, embora só o tenhamos conhecido realmente há pouco mais de dois anos.

A eloquência de mrs. Ackroyd foi cortada abruptamente quando a porta da sala se abriu mais uma vez. Fiquei feliz com a interrupção. Detesto

me meter nos assuntos de outras pessoas, e eu não tinha a menor intenção de sondar Ackroyd com relação aos arranjos para Flora. Um momento a mais e eu teria sido forçado a dizer isso para mrs. Ackroyd.

— Você conhece o major Blunt, não é, doutor?

— Sim, de fato — eu disse.

Muitas pessoas conhecem Hector Blunt, pelo menos de reputação. Creio que nenhuma pessoa viva se compara a ele na quantidade de animais selvagens que matou nos locais mais improváveis. Quando se menciona o nome dele, as pessoas dizem: “Blunt, você se refere ao grande caçador de feras?”.

Sua amizade com Ackroyd sempre me espantou um pouco. Os dois homens são tão diferentes. Hector Blunt talvez seja uns cinco anos mais moço que Ackroyd. Eles se tornaram amigos cedo na vida, e, embora os caminhos tenham divergido, a amizade ainda se mantém. Cerca de uma vez a cada dois anos Blunt passa uns quinze dias em Fernly, e uma enorme cabeça de animal, com uma quantidade incrível de chifres, que nos fixa com um olhar vidrado, assim que se entra no saguão de entrada, é uma recordação permanente dessa amizade.

Blunt entrou na sala agora com seu passo peculiar, deliberado, porém leve. Ele é um homem de estatura mediana, robusto e de constituição bastante atarracada. Seu rosto é quase da cor do mogno, e particularmente sem expressão. Tem olhos acinzentados que dão a impressão de estarem sempre observando algo que se passa bem ao longe. Ele fala pouco, e quando fala é aos sobressaltos, como se as palavras estivessem sendo forçadas para fora contra sua vontade.

Então ele disse: “Como vai, Sheppard?”, em sua maneira abrupta usual, e ficou plantado de pé diante da lareira olhando por cima de nossa cabeça como se estivesse vendo algo interessante acontecendo em Tombuctu.

— Major Blunt — disse Flora —, gostaria que me falasse sobre estas coisas africanas. Tenho certeza de que você sabe o que são.

Eu já ouvi Hector Blunt ser descrito como um misógino, mas percebi que se juntou a Flora na mesinha-mostruário com o que se poderia chamar de entusiasmo. Ambos se debruçaram sobre a mesa.

Fiquei com receio de que mrs. Ackroyd começasse novamente a falar sobre dotes, então fiz algumas observações apressadas sobre a nova

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O Assassinato de Roger Ackroyd" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).